

PRAÇA ANGENOR OLIVEIRA - CARTOLA

Decreto nº 6441 de 12-03-1981, Artigo 1º, Inciso II
Formada pela praça nº 2 do Jardim Proença - continu

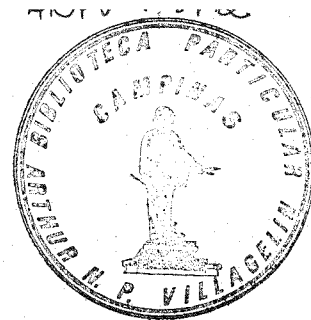
ção

Circundada pela avenida Princesa D'Oeste
Jardim Proença

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Francisco Amaral. Protocolado nº 34.906/80 em nome do Prefeito Municipal.

ANGENOR OLIVEIRA - CARTOLA

Angenor de Oliveira, nasceu no Catete, Rio de Janeiro, em 11-outubro-1908 e faleceu na mesma cidade do Rio de Janeiro em 30-novembro-1980. Foi casado com Euzébia da Silva, a famosa Zica, da ala das baianas da Escola de Samba de Mangueira. Ainda menino, mudou-se para o Morro da Mangueira, onde, em 1929, fundou, e deu as suas cores verde-e-rosa, a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Quando trabalhava como pedreiro e, incomodado pelo pó de cimento que caía sobre sua cabeça, passou a usar um chapéu-côco, que acabou lhe valendo o apelido de Cartola. Em 1940, o maestro Leopold Stokowski veio ao Brasil, com a Orquestra Sinfônica da Juventude Americana, e resolveu fazer algumas gravações de música popular brasileira. Heitor Villa-Lobos foi o encarregado de escolher os melhores de nossa música e entre eles estavam Pixinguinha, Donga, Jararaca e o grande sucesso de Cartola "Quem me vê Sorrindo", gravado para a "Columbia" norte-americana. Ficou muito tempo esquecido, até que no final dos anos 50, Sergio Porto o redescobriu, trabalhando em uma garagem em Ipanema, como lavador de carros. Já nesta época ele tinha seus sambas gravados por Francisco Alves, Mário Reis, Silvio Caldas, Carmem Miranda, Elizeth Cardoso e outros. Com ajuda de amigos e de sua mulher Zica, em 1962, inaugurou o restaurante "Z: cartola" (sua mulher Zica entrava com os quitutes e Cartola com o violão), que passou a ser ponto de encontro dos que estivessem interessados em ouvir boa música brasileira. Tom Jobim, Ciro Monteiro, Clementina de Jesús, Carlinhos Lira, Zé Kéti e Paulinho da Viola eram alguns dos frequentadores. Ele no violão, foi aparecendo o trabalho de outros grandes nomes e os "sambas nascidos" ali foram se alastrando, mostrando a poesia de Mangueira. Seus maiores sucessos são: "O Sol nascerá", "Divina Dama", "Autonomia", "Verde que te quero Rosa", "Por que vamos chorando" e "As Rosas não Falam" - seu maior sucesso. A praça em frente à sua casa em Jacarepaguá, foi batizada com um de seus versos mais famosos: "As Rosas Não Falam", em julho de 1980.



DECRETO N.o. 6441 de 12 de março de 1981

DA DENOMINAÇÃO A LOGRADOUROS PÚBLICOS
DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei complementar Estadual N.o. 9, de 31 de dezembro de 1969 - (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

ARTIGO 1o. - Ficam denominados os seguintes logradouros públicos.

I - "PRAÇA JOHN LENNON" a Praça sem denominação do Jardim Chapadão, circundada pelas ruas Henrique José Pereira, Cônego Manoel Garcia e Francisco D'Agostinho.

II - "PRAÇA ANGENOR OLIVEIRA - CARTOLA" a Praça N.o. 2 do Jardim Proença - continuação, circundada pela Avenida Princesa D'Oeste.

Artigo 2o. - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 12 de março de 1981

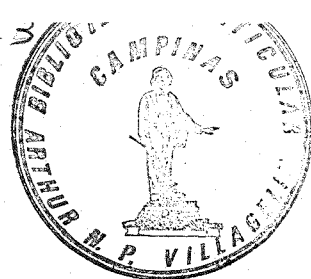
DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

DR. DARCY STRAGLIOTTO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, com os elementos constantes do Protocolado N.o. 34906/80 em nome do Prefeito Municipal, na data supra.

ARY PEDRAZOLLI
Diretor do Departamento do Expediente Gabinete do Prefeito



PRAÇA ANGENOR OLIVEIRA - CARTOLA

(Denominação dada pelo Decreto 6441 de 12.03.1981, à Praça nº 2, do Jardim Proença - continuação, circundada pela Avenida Princesa D'Oeste)

Série MPB

Cartola

Agenor de Oliveira, o Cartola, nasceu no dia 11 de outubro de 1908, no Catete, Rio de Janeiro. Ainda menino, mudou-se para o Morro da Mangueira, onde, em 1929 fundou a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira.

Seu apelido surgiu quando trabalhava como pedreiro e, incomodado pelo pó de cimento que caía sobre sua cabeça, resolveu comprar um chapéu-côco para se proteger.

Em 1940, o maestro Leopold Stokowski veio ao Brasil, com a orquestra Sinfônica da Juventude Americana, e resolveu fazer algumas gravações de música popular brasileira. Heitor Villa-Lobos foi o encarregado de escolher os melhores de nossa música e entre eles estavam Pixinguinha, Donga, Jararaca e Cartola.

Ficou esquecido durante muito tempo, até que o crítico musical Sérgio Cabral encontrou-o como lavador de carros em uma garagem da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Em 1962, inaugurou o restaurante Zicartola (sua mulher Zica entrava com os quitutes e Cartola com o violão), que passou a ser ponto de encontro dos que estivessem interessados em ouvir uma boa música brasileira. Tom Jobim, Ciro Montelero, Clementina de Jesus, Carlinhos Lira, Zé Kéti e Paulinho da Viola eram alguns dos frequentadores do restaurante.

Apesar do grande prestígio perante o público e a crítica, Cartola tem apenas 3 discos gravados, e o primeiro é de 1970 quando o poeta tinha 62 anos.

Tem músicas gravadas por Elizeth Cardoso, Sílvia Caldas, Francisco Alves, Beth Carvalho, Fagner, Nara Leão, e outros grandes intérpretes da nossa MPB.

Seus maiores sucessos são: "O Sol nascerá" (com Elton Medeiros),



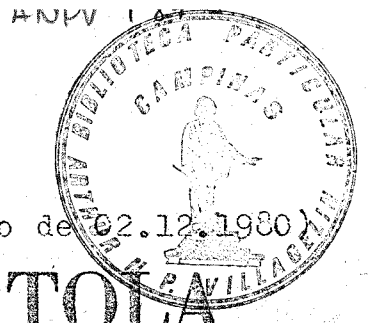
"Divina Dama", "Autonomia", "Verde que te quero rosa" (com Dalmo Castelo), "Por que vamos chorando", "Nós dois", "Tempos Idos" e "As rosas não falam" — seu maior sucesso.

AS ROSAS NÃO FALAM

Bate outra vez
com esperanças o meu coração
pois já vai terminando o verão, enfim
Volto ao jardim
na certeza que devo chorar
pois bem sei que não queres voltar
pra mim
Queixo-me às rosas
mas, que bobagem
as rosas não falam
simplesmente as rosas exalam
o perfume que roubam de ti, ai
Devias vir
para ver os meus olhos tristonhos
e, quem sabe, sonhar dos meus sonhos
Enfim.

Cartola faleceu no Rio em 30-novembro-1980.

(Recorte do suplemento "Folhinha de S. Paulo")



PRAÇA ANGENOR OLIVEIRA - CARTOLA

(Recorte da "Folha da Tarde" de S. Paulo de 02.12.1980)

O ÚLTIMO ADEUS A CARTOLA

FAL. EM 30.11.80

RIO (FT) — Políticos, como o governador Chagas Freltas e o deputado Miro Teixeira; artistas, como Elizete Cardoso, Paulinho da Viola, Clara Nunes, Beth Carvalho e Martinho da Vila; moradores da Mangueira e velhos amigos, como Carlos Cachaca e Nelson Cavaquinho misturaram-se, ontem, no adeus a Cartola, velado durante todo o dia na quadra da Mangueira e enterrado, à tarde, no Cemitério do Caju.

Angenor de Oliveira, o Cartola, morreu na noite de domingo, depois de uma luta de quatro anos contra o câncer. Uma luta silenciosa, já que o compositor, muito reservado, nunca disse nada, nem mesmo a seus parentes, sobre a doença. Oficialmente, ele tinha uma úlcera, mas a família, como confessou sua filha, Creuza, há muito sabia da verdade. Afinal, ele tomava aplicações de cobalto constantemente.

Sua filha, Creuza, Cartola sabia a extensão do mal que o atingia e desconfiava que tivesse pouco tempo de vida. Tanto que na semana passada, quando se manifestou a última crise, pediu antes de ser levado ao hospital: "Quando for enterrado, quero que Waldemiro toque o Bumbo". Ontem à tarde, Waldemiro, um dos melhores ritmistas da Mangueira, que aprendeu com Cartola a "encourar" seu instrumento, cumpriu o desejo do amigo. E as pessoas que acompanhavam o enterro, não resistiram: cantaram "As Rosas não Falam" até que o túmulo onde Cartola foi enterrado, fosse cimentado. Como cenário, as bandeiras da Mangueira e de várias outras escolas-de-samba. Sobre o caixão, a bandeira do seu clube favorito, o Fluminense.

Antes do enterro, o crítico Sérgio Cabral lembrava que Cartola já tinha sido dado como morto, na década de quarenta, quando desapareceu do meio do samba, depois de muito sucesso. Só foi "ressuscitado" no final da década de cinquenta, quando Sérgio Porto encontrou-o como guardador de automóveis. Em 64, deu-se o recomeço da sua vida artística, com o "Zicartola", restaurante de existência efêmera, mas famoso. Lá se comia a comida de dona Zica, mulher de Cartola, e ouvia-se a música dele e de outros compositores, como o então desconhecido Paulinho da Viola.

Apontado pelo próprio Cartola como seu sucessor, Paulinho descartou, no velório, essa possibili-

dade: "Cartola não tem substituto. Como ele, não vai haver mais ninguém". Com isso não concorda Martinho da Vila. Para ele, Paulinho é o verdadeiro sucessor de Cartola, "pois os dois têm o mesmo lirismo e a mesma simplicidade de dizer as coisas".

A forma de Cartola elaborar suas composições também era lembrada por amigos como Nelson Sargento, Ricardo Cravo Albin e Sérgio Cabral. Sargento contou que nunca atreveu-se a sugerir uma parceria com Cartola, embora fossem íntimos, porque considerava-o "um compositor finíssimo; seria a mesma coisa que um aluno querer igualar-se a seu mestre". Para Sérgio Cabral, Cartola foi uma das pessoas mais cultas que conheceu, embora não tivesse tido uma educação formal.

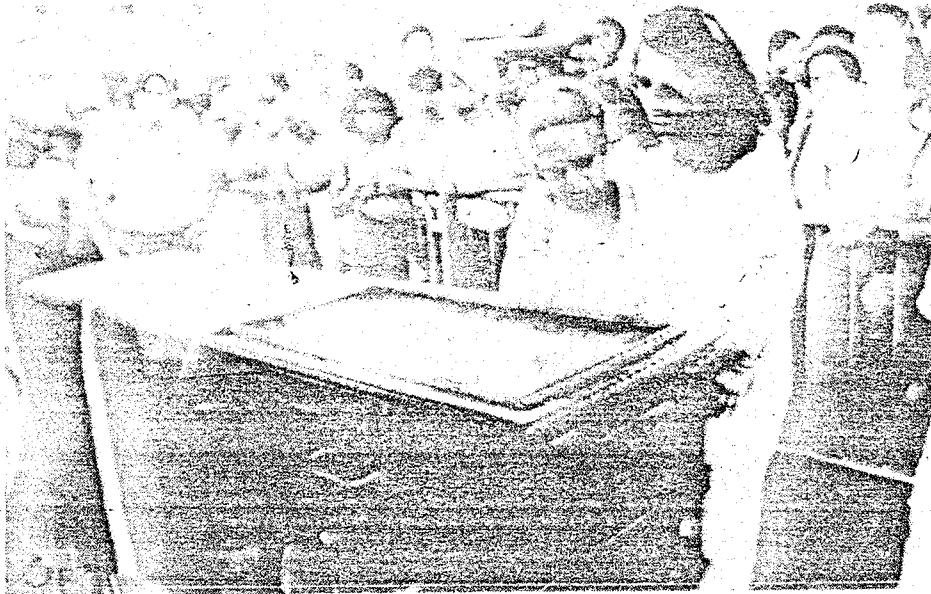
"Ele tinha pouca escola, mas nuncadizia besteiras. Sabia conversar e era um mestre na poesia, como mostram suas letras. E também não sabia tocar bem violão, mas fazia umas harmonias difficilimas. Sua música é refinada; suas composições não têm nada de primitivo. Ele sempre foi, principalmente, um cavalheiro".

Para Ricardo Cravo Albin — ex-diretor do Museu da Imagem e do Som — Cartola foi um exemplo do que o consumismo tudo absorve.

"Passou cinquenta anos sem que ninguém se preocupasse com ele, com exceção dos compositores de morro. Aos 60 anos, foi descoberto pelo consumo; aos 65, gravou seu primeiro disco. Quando morreu, tinha sido gravado pelos cantores mais famosos. Embora nunca tivesse chegado a ganhar muito dinheiro, conseguiu o suficiente para comprar uma casa modesta em Jacarepaguá".

Segundo a filha, Cartola não andava muito satisfeito com o bairro, distante, da Mangueira. Planejava voltar para o morro, em janeiro. Já tinha dado ordens para que ela procurasse uma casa, que seria também pintada de verde-e-rosa, as cores que ele escolheu para a Mangueira, quando a Escola foi criada.

Creuza disse que até a última crise, na semana passada, o pai estava animado. Há algum tempo vinha escrevendo poemas, que queria manter inéditos até que tivesse um número suficientemente grande para que fossem editados em livro. Quando começou a



Dona Zica e Clara Nunes velam o corpo de Cartola

passar mal e sentiu que teria que ser hospitalizado, recomendou à mulher e à neta que guardassem as poesias e não as divulgassem. Segundo comentários, ele teria medo de que se desvalorizassem, caso deixassem de ser inéditas.

Mas, é provável também que temesse que alguém se apropriasse de suas idéias. Afinal, Cartola, na época das necessidades, cansou de vender seus sambas. "Ele vendia porque, na época, não sabia que música era algo que podia render dinheiro, além daquele trocadinho que lhe davam". Cartola nunca mostrava mais de uma música aos cantores que lhe procuravam pedindo algo

seu para gravar. Ele recebia o artista, ouvia o pedido e sala da sala. Voltava com uma música na mão: "A sua é essa". Se o cantor quisesse, muito bem. Se não, o jeito era ir embora, sem composição de Cartola.

"Ele fez isso até com a Elis Regina", contou Cabral. "Fui lá em Jacarepaguá com ela e saímos com uma única música na mão, por sinal, lindíssima". Assim era Angenor de Oliveira, ex-contínuo do Ministério da Indústria e do Comércio, compositor e poeta e, na definição de Sérgio Cabral, "um verdadeiro personagem do samba".

Para Carlos Cachaca — o a go mais íntimo e o parceiro m constante — Cartola era uma gura que não precisava de excação: "Era, simplesmente, homem em toda a grandeza palavra, o que chamam de ser mano".

DE FIGUEIREDO

BRASILIA, — O presidente João Batista Figueiredo enviou telegrama ontem à sra. Euzé da Silva, dona Zica, com "um cero abraço de solidariedade certeza de que Cartola viverá ra sempre na alma singela do vo brasileiro, na imortalidade suas canções e na saudade seus amigos e admiradores".

No samba e na poesia a importância de Cartola

Em 11 de outubro de 1908 nasceu, no Catete, Angenor de Oliveira. Aos 16 anos começou a usar um chapéu de coco, que acabou lhe valendo o apelido de Cartola. Sua primeira ligação com a música surgiu através do cavaquinho de seu pai. Daí passou para o violão e começaram a surgir então as primeiras composições que não chegaram a ser gravadas.

Sua primeira aparição em disco foi uma pequena participação em um elepê de Elizeth Cardoso: "A Enluarada Elizeth". Depois de algum tempo, Hermínio Bello de Carvalho resolveu registrar a presença de alguns nomes da música popular brasileira em um só disco. Nasceu, então, em 1968, o elepê "Fala Mangueira", onde Cartola se encontrava com Nelson Cavaquinho, Carlos Cachaca, Clementina de Jesus e Odete Amaral.

Mas, o primeiro elepê individual, surgiu somente em 74, já aos 65 anos de idade, reparando uma das grandes injustiças na MPB. Até então, Cartola vivia no seu "grande mundo" da Estação Primeira da Mangueira, onde os maiores intérpretes iam buscar repertório, pois reconheciam a importância do poeta em nossa música.

Cartola não só fundou a Estação Primeira, como deu as suas cores verde-e-rosa. Forma com Nelson Cavaquinho e Carlos Cachaca o grande trio de poetas da grande escola de samba, a terceira fundada no Rio de Janeiro.

Lá pelos anos 30, "descoberto" pelos grandes cantores da época, desapareceu do morro e do samba, e ninguém mais soube dele, até que no final dos anos 50, Sérgio Porto o redescobriu, trabalhando em uma garagem em Ipanema, como lavador de carros. Nesta época ela já tinha seus sambas gravados por Francisco Alves, Mário Reis, Silvino Caldas, Carmem Miranda, Elizeth Cardoso e outros.

Um grande sucesso de Cartola, "Quem me sorrindo", por indicação de Villa-Lobos, foi gravado por Leopold Stokovisky para a "Columbia" no americana.

Com ajuda de amigos e de sua mulher Zica - famosa Zica da ala das baianas e rainha dos tutes — criou no início dos anos 60, o "Zicartola". Esta casa noturna logo se transformou num grandes êxitos da cidade e passou a ser frequentada por sambista tradicionais e pelo pessoal da bossa nova. Imediatamente teve composições gravadas pela "musa" Nara Leão e pela sempre "Prima Dama", Elizeth Cardoso.

No "Zicartola" ele se acompanhava ao violão nessa época, foi aparecendo o trabalho de outros grandes nomes, e os sambas "nascidos" ali foram se alastrando e mostrando a poesia da Mangueira.

Entre seus inúmeros sucessos, destacavam-se "As Rosas Não Falam", "Tive Sim", "São Francisco", "Cordas de Aço", "Alvorada no Morro", "Peito Vazio".

Ao completar 70 anos, Cartola recebeu uma homenagem especial, organizada pelo pro Funarte, que incluía uma missa, conferências, grande show e um concurso de análise literária do poema "As Rosas Não Falam".

Em julho deste ano, Angenor de Oliveira recebeu uma homenagem muito especial e carinhosa: a praça localizada em frente à sua casa, em Jacarepaguá, foi batizada com um de seus versos mais famosos: "As Rosas Não Falam". No dia da inauguração, Cartola participou das comemorações dentro de sua própria casa, cantando baixinho músicas interpretadas pelos amigos, em um improviso e fez uma revelação: "Há dois anos vou praticamente em casa, em repouso, e acredito que, até o final do ano já estarei bem e, na forma, vou gravar um outro disco".



Guilherme de Brito, Nelson do Cavaquinho e Carlos Cachaca chegam para o velório de Cartola.